

MEMÓRIAS DO GOLPE NA PROVÍNCIA: NELSON CERQUEIRA NARRA COMO O GOLPE MILITAR DE 64 DITOU OS RUMOS DA VIDA NACIONAL E REDEFINIU A SUA PRÓPRIA EXISTÊNCIA

Vinicius Cardona¹

Bloco de chumbo. Bitola. Insalubridade. Tóxico. Micropoder. Autoridade. Chumbo, mais uma vez. São esses os signos que marcam o início de um relato autobiográfico emocionante, um verdadeiro *thriller*, digno da memória não apenas de um indivíduo, como também da memória coletiva dos brasileiros, em geral, e dos baianos, em particular, nestes 60 anos do golpe de Estado civil-militar que venceu para sempre a História nacional, como um ferrete em brasa, cujas feridas ainda estão por cicatrizar.

Regime militar e além: retrato e identidade de um jornalista (Editora Porta), foi lançado pelo Prof. Nelson Cerqueira em 18 de abril de 2024, na sala da Congregação da Faculdade de Direito da UFBA, onde tive oportunidade de ouvi-lo, ladeado por companheiros jornalistas da época como Luis Guilherme Tavares, com quem rememorou fatos e interpretações dos anos do regime de exceção, especialmente os atos de censura, intimidação e violência que se abateram sobre os profissionais da imprensa na Bahia.

Nelson Cerqueira, jornalista, professor, pesquisador, crítico, ensaísta, romancista e poeta, membro da Academia de Letras da Bahia, dispensa maiores apresentações, enquanto baluarte intelectual, artista e educador de sucessivas gerações de estudantes. Tive o privilégio de integrar em 2007, como mestrando, a primeira turma da disciplina Metodologia da Pesquisa, por ele ministrada enquanto colaborador do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFBA, ao lado do Prof. Rodolfo Pamplona Filho, uma parceria que tem ininterruptamente formado inúmeros pesquisadores desde então.

O curso, em verdade, para além de questões metodológicas, termina por proporcionar uma densa formação filosófica e sociológica. Foi ali que, pela primeira vez, ouvi do Prof. Nelson algumas lições preliminares sobre o pensamento de Husserl e Heidegger, as quais me marcaram profundamente e que, anos depois, me levaram

¹ Mestre em Direito (UFBA). Mestrando em Filosofia (UFBA). Pesquisador independente. Poeta. Procurador do Estado da Bahia.

aos estudos em Filosofia, primeiro na Universidade Federal de Pernambuco e, mais recentemente, no programa de pós-graduação em Filosofia da UFBA.

Sua longeva e produtiva vida mereceu o recorte que podemos encontrar na breve, porém intensa, narrativa sobre o golpe de 1964 na Bahia, entremeada com fatos de sua própria existência. Assim é que retorno ao início desta resenha, para ressaltar as expressões e palavras manejadas pelo narrador no primeiro capítulo, em que nos dá um panorama de como funcionava o mundo analógico de um jornal e os processos de sua edição em 1964. Algo estranho, estrangeiro mesmo, para as novas gerações do mundo digital, especialmente os nascidos na década de 90 em diante.

Enquanto *millenial*, nascido nos anos 80, ainda na transição histórica entre o mundo analógico e a era digital, pude haurir do relato a abissal diferença entre a produção de um jornal em papel, naqueles idos, e a quase instantânea produção de um jornal ou revista em formato *.pdf*, quer quanto aos instrumentos técnicos, quer quanto ao trabalho humano. Isto apenas no intervalo de 60 anos. O livro nos relembra que, algo hoje corriqueiro, como um editor de textos no computador, substituiu em larga medida todo um trabalho antes feito por outra pessoa distinta do escritor: o revisor, cujo labor no aprimoramento de um escrito envolvia um processo bem mais longo e mecânico.

Não posso deixar de lembrar *A questão da técnica*, seminal ensaio de Martin Heidegger, pensador que colocou o problema da tecnologia em termos ontológicos, situando a técnica como a manifestação própria do ser do Homem, em nosso momento histórico, dos modernos, em contraposição à concepção de técnica/arte dos gregos e o caráter poético do nosso estar-no-mundo (*in-der-Welt-Sein*), que caracterizava a ideia de técnica dos antigos.

O relato traz à memória, pelas mesmas razões, o ensaio *Ciência e pensamento de sentido*, também da segunda fase do filósofo da Floresta Negra, no qual situa a técnica moderna não apenas como um meio neutro, mas sim como uma forma de desvelamento do Ser que determina nossa relação com o mundo. Na era da técnica, os entes são compreendidos como recursos disponíveis para a exploração e manipulação humana. A natureza é vista como um reservatório de energia a ser extraído e transformado. Essa postura, segundo Heidegger, é uma consequência do esquecimento do Ser e da redução do pensamento ao cálculo.

Pois bem. Nelson Cerqueira nos mostra, passo por passo, as etapas da edição, produção e circulação de um jornal. Conscientemente, ou não, as referências aos produtos químicos, instrumentos, linotipia, diagramação e revisão, através das palavras destacadas no início deste texto, se relacionam, de certa forma, com os anos de chumbo, a autoridade, o poder, o ambiente tóxico e insalubre que a época militar parece fazer soar aos ouvidos de quem não viveu aqueles tempos. “Uma época fedorenta”, nas palavras do autor, que evoca J-P Sartre ao rememorar a ocupação nazista da França: “Víamos aquele rosto imundo...”, aludindo aos cartazes e retratos de Hitler, espalhados por Paris.

Na escola, minha geração parecer ter aprendido sobre aqueles anos como algo de um passado longínquo; a tortura, a censura, os exílios e assassinatos como barbaridades quase fantásticas, coisas que não voltariam a se repetir jamais. Afinal, após a redemocratização, supostamente estaríamos num ambiente de normalidade institucional e, quem sabe, contínua evolução social e econômica. Esperávamos o encontro do Brasil com seu destino histórico de país do futuro (Stefan Zweig). Contudo - como público, nunca como povo, como nos definiu Lima Barreto - assistimos de camarote, perplexos e paralisados, aos fatos políticos entre 2016 e as recentíssimas revelações, em novembro de 2024, acerca das movimentações de parte da caserna, que fizeram março de 64 parecer noticiário da semana passada.

Pois, na fatídica noite de 31/03 e madrugada de 1º/04 de 1964, um jovem estudante de Filosofia e jornalista em início de carreira, de apenas vinte anos de idade, estava escalado como plantonista do Jornal da Bahia, veículo de imprensa simpatizante do governo de João Goulart e que se posicionava contra o golpe em andamento. A manchete daquela edição, intitulada “Rebelião Contra Governo”, dava o tom.

As instalações do jornal, na Barroquinha, foram invadidas por um general e uma guarnição de militares, que exigiu a imediata substituição por um longo título elogioso à intervenção militar: “A nação que se salvou a si mesma do jogo comunista”. Com habilidade, tato e muita conversa, convenceu o militar de que o título não caberia. A capa acabou sendo rodada sem manchete principal, no espaço em branco, uma solução salomônica que atendeu ao reclame dos fardados e, num só tempo, resguardou as reputações do jornal, dos seus editores e do proprietário, o que rendeu loas ao jovem.

Nelson achou-se naquela situação-limite apenas aos vinte anos de idade. Não há como deixar de anotar mais essa diferença geracional. Naquele antanho, um jovem escolarizado de vinte anos era um adulto no início de sua vida profissional e familiar, que já deveria dar conta de seus primeiros desafios na vida. Hoje, por um leque de razões culturais, um rapaz de vinte anos é um garoto que pode ou não ter escolhido seu curso universitário, ou pode mesmo trabalhar pela sua subsistência, mas ainda é visto como um recém-saído da adolescência, com expectativa de mais sessenta ou setenta anos de vida pela frente. *O tempora, o mores.*

O livro segue, como pretendeu o autor, com recortes de sua biografia antes e depois daquele mês de março. Seu pretérito descortina como ele chegou àquela situação. Nascimento e infância em Irará, sertão baiano, terra do não menos genial Tom Zé. Conviveu próximo ao avô, Martins de Cerqueira, judeu sefardita português, imigrado de Braga, que se estabeleceu como pecuarista e comerciante naquela região entre o Recôncavo baiano o sertão mais profundo, próxima ao Curralinho, nascedouro do poeta dos escravos. A referência ao avô nos dá alguma pista sobre um dos mais recentes lançamentos de Nelson, *A poesia de Martin Liebovitch*, seu heterônimo judeu tcheco, fugido da primeira guerra e radicado no sertão da Bahia.

Frequenta as feiras nas cidades circunvizinhas com o avô e pai, comerciantes. Forma-se na cultura sertaneja, ouvindo repentistas, poetas e contações de histórias sobre Lampião, um herói em alguns relatos, um bandido, noutros. Ainda em criança, tantas contradições sobre os mesmos fatos já o impressionam e preparam o futuro estudioso de Hermenêutica e de Linguística

Ainda nos anos de formação, a influência determinante do compadre Julião, que lhe introduziu às primeiras letras filosóficas, levando-o a ler a *Politeia*, ainda em tenra idade. O aprendizado de Platão e Aristóteles cedo o leva à condição de aluno brilhante no Ginásio, em Salvador, abrindo-lhe as portas ao Colégio Central e à melhor educação local, à época. A formação de um estudante ainda não era tão bitolada aos reclames do mundo do trabalho, como ocorre há algumas décadas, e os estudos de latim e francês enriqueciam o espírito; o adequado ensino da matemática e da gramática ensejavam uma alta capacidade de abstração e forneciam a base necessária para o labor e os estudos em campos diversificados. *Bildung* que já não existe para as massas.

Após o colégio, mas antes de ingressar no ensino superior, experimenta um ano de intercâmbio com uma família na Filadélfia, Pensilvânia, onde amadurece o contato com a língua inglesa e com autores à época pouco conhecidos no Brasil, como James Baldwin.

Nelson integrou uma geração de baianos formados para brilhar, ao lado de Gil, João Ubaldo, Muniz Sodré e muitos outros. Contrariando o desejo do pai, que o queria geólogo explorador de petróleo no Amazonas, prefere estudar aquilo que é “humano, demasiado humano”, na Faculdade de Filosofia na UFBA, então ainda situada em Nazaré (em 2024, completou 50 anos em São Lázaro). Naquele momento, decide, a par dos estudos universitários, buscar um emprego formal. Prepara-se para um concurso do INSS, visando ao cargo de revisor de provas tipográficas. Contudo, o governo suspende o concurso por contenção de despesas, o que demonstra que o fiscalismo orçamentário não é tão recente assim, nem surgiu com a Lei de Responsabilidade Fiscal ou com o “arcabouço” atualmente em construção.

Ora, já nos ensinara Shakespeare, em *Rei Lear*, que não podemos estar no completo controle de nossos destinos. *O mundo é escrito de forma aleatória*, diz Nelson, ao narrar como, por conta do frustrado concurso, chegou a revisor do *Jornal da Bahia* e, portanto, ao plantão naquela noite de 31 de março de 64, que deu os rumos de toda sua posterior existência.

Era o alto século XX, uma época de paixões, com a definiu Stefan Zweig, na qual as pessoas pareciam não temer se definir ou como burgueses autênticos, ou como comunistas revolucionários, como o era o jovem e militante Nelson. Tudo isso antes da queda do muro de Berlim, antes do “fim da História” de Fukuyama.

A partir de 3 de abril de 64 e nos primeiros meses da instauração do regime, os militares passam a exigir “salvo-conduto” para circulação, nas grandes cidades, após determinada hora da noite. Foi um momento de muitas prisões, desaparecimentos e cassação em massa de mandatos parlamentares. Naquele contexto, o autor relata episódio em que, após o expediente no jornal, o carro que transportava-o com outros colegas foi parado por uma *blitz* do exército no início da subida da ladeira dos Galés, onde foram interrogados e intimidados. Por motivos óbvios, a pressão era particularmente especial sobre a imprensa: um militar foi destacado para atuar como interventor no *Jornal da Bahia*, controlando o teor das notícias.

Em outra circunstância, Nelson se encontrava numa padaria na curva da Boa Vista de Brotas com o Engenho Velho, próxima de onde morava, pertencente a um galego, Alfonso Ruiz, que lhe ensinava a língua de Cervantes. Passagens como essa, no livro, são de uma opulência cultural ímpar. Faz-nos rememorar a imigração galega para a Bahia, que teve determinante impacto em toda a vida social local, inclusive na língua falada e escrita, para além da originária relação entre as línguas portuguesa e galega. Mas também o fato de o padeiro lhe ensinar o espanhol evoca uma época em que as pessoas efetivamente se relacionavam, conversavam e conviviam, para além da vida mediada pelas redes sociais. Naquele episódio na padaria, um capitão resolveu interrogar e intimidar o autor, bem como o proprietário do estabelecimento.

Naquele contexto de repressão após março de 64, Nelson se viu premido em direção a um autoexílio. Ao narrar a perseguição de militares que o miravam em particular, somos também levados às antigas paisagens de Salvador, como na referência ao agente que chegou a segui-lo até a porta do banheiro no Porto do Moreira, na rua Carlos Gomes, tradicional restaurante fundado em 1938.

O livro também nos conduz a outras paragens tradicionais da cidade, como a Rua Direta do Uruguai e um cinema naquele bairro, que provavelmente poucas pessoas sabem que existiu. Um mocotó no mercado das Sete Portas. A já infame, àquela altura, comunidade dos Alagados, internacionalmente conhecida como exemplo acabado da miséria no Brasil, onde esteve pessoalmente e foi entrevistado o Procurador-Geral dos EUA, Bobby Kennedy, enviado especial de JFK para uma série de reuniões e eventos no país. Uma entrevista que lhe foi concedida pela Rainha Elisabeth II no Mercado Modelo.

Essas e muitas outras curiosidades, em larga medida desconhecidas, mais íntimas de historiógrafos, jornalistas ou de quem viveu aquela época e estava atento ao noticiário, são contadas por Nelson no precioso texto, cujo mérito é não apenas o ímpar recorte de memórias pessoais, como também fomentar a tradição, às novas gerações, de importantes episódios da cena política e social baiana de então.

O exílio leva-o a Munique e Berlim, onde prossegue os estudos em Filosofia, mas também a Paris e Londres, por onde anda, expõe a ditadura e clama por anistia, ao lado de outros exilados. Presencia a denúncia das ditaduras sul-americanas, entre os europeus, através do teatro de opinião e das arenas de revolta, como conta no prefácio. Era o auge dos movimentos de contracultura, representados pelo maio de

68. O próprio Nelson encarnou o estilo de época na autoapresentação e indumentária: cabelos longos, barbicha, bata branca.

Após breve retorno ao Brasil, segue para os EUA. Como bolsista *Fulbright*, torna-se PhD em Literatura comparada pela Universidade de Indiana, Bloomington, com teses sobre Kafka, Graciliano Ramos e William Faulkner. Aqueles anos nos Estados Unidos definem, então, seu futuro pessoal e familiar.

Naquele período, compreende melhor as relações entre EUA e Brasil e os detalhes políticos e econômicos que ensejaram o golpe militar. De especial interesse foi o episódio do jantar em casa do general norte-americano Vernon Walter, em Austin, Texas, em 1976. Walter estivera como adido militar no Brasil no período do golpe e, segundo alguns, diretor na CIA. Como bom jornalista, ainda que estivesse nos EUA para estudar Literatura comparada, Nelson consegue “arrancar” do anfitrião alguns detalhes de bastidores da relação entre John F. Kennedy, Jango e o embaixador Lincoln Gordon, bem assim minúcias dos fatos que provocaram o desgaste do presidente brasileiro e conduziram ao apoio dos EUA aos nossos militares.

Narra a boa vontade pessoal de JFK para com o governo de João Goulart, a despeito das pressões do governo norte-americano, no seu todo, sobre a América Latina e a ameaça comunista. Os rumos da política e da economia brasileiras, as decisões do governo Jango, a morte de Kennedy e advento de Lyndon Johnson: o autor nos ilustra sobre todo um contexto que conduziu à ação dos militares brasileiros, com apoio velado dos EUA.

Curiosamente, o estilo veloz e conciso da narrativa nos sugere que o jovem jornalista ainda se encontra presente no experimentado acadêmico e artista, de certa forma, mesmo depois de seis décadas.

Para além da prazerosa leitura de um livro bem tecido, que costura história pessoal e fatos políticos, homem e mundo; para além da oportuna e urgente reflexão sobre o golpe de 64, neste sexagésimo ano da “intervenção”, não deixamos de nos perguntar o que leva alguém a narrar seus recortes de memória, suas lutas, vitórias, fracassos, mágoas e mesmo sua intimidade. Talvez uma maneira de evitar cair no autoencobrimento, no esquecimento de si pela enxurrada da existência, pelo “correr da vida que embrulha tudo”, como disse Riobaldo. Talvez escrever seja a melhor maneira de dizer a si mesmo: “Ainda estou aqui”.

Sobre existência e memória, escreveu o poeta Nelson Cerqueira na primeira estrofe do soneto *Fiesta 52*:

tudo que existe é aspecto de meu imaginar
a substância não possui causa é causa em si
a essência da morte é sua existência andante
substância da própria ideia do existir em mim

Por tudo isso, a leitura de *Regime militar e além* torna-se mandatória, sobretudo no conturbado ano de 2024. A Nelson, mestre de todos nós, gratidão por sua pré-sença, sua memória viva e seu incontornável contributo cultural e humanístico à Bahia e ao Brasil.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. São Paulo, Carambaia, 2022.

CERQUEIRA, Nelson. **A poesia de Martin Liebovitch**. Curitiba: Instituto Memória, 2024.

_____. **Regime Militar e além**: retrato e identidade de um jornalista. João Pessoa: Editora Porta, 2024.

_____. **Sonetos do isolamento**. Curitiba: Instituto Memória, 2021.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da História e o último homem**. Lisboa: Gradiva, 1992.

HEIDEGGER, Martin. A questão da Técnica. In: **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Ciência e pensamento de sentido. In: **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ROSA, Guimarães João. **Grande sertão: veredas**. 22 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

SARTRE par lui-même. Direção: Claude Gorreta; Alexandre Astruc. França, 1976. 1 DVD (351 min.).

SHAKESPEARE, William. Rei Lear. In: Trad. Bárbara Heliodora.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, um país do futuro**. Trad. Kristina Michahelles. Porto Alegre: L&PM, 2022.

_____. **The World of Yesterday**: Memoires of a European. Trad. Anthea Bell. Londres: Pushkin Press, 2008.